

> O povo que lê: leitores de camadas populares em contos de Machado de Assis

> The people who read: readers of popular classes in short stories by Machado de Assis

Luís Fernando Portela

Doutorando em Letras na linha de pesquisa Estudos literários aplicados: Literatura, Ensino e Escrita criativa do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: luis.portela05@hotmail.com. ORCID: 0000-0003-0104-2491.

Resumo

Este trabalho se propõe a analisar a ocorrência de personagens leitores pertencentes a camadas populares em contos de Machado de Assis, observando quem são esses leitores, como eles leem e quais são as motivações e implicações de suas leituras. Pretende-se, com isso, tanto abordar sob nova perspectiva a recorrente representação de práticas de leitura na obra de Machado, quanto apresentar possíveis contribuições para uma melhor compreensão da representação literária do ambiente letrado no Segundo Reinado e do acesso a esse ambiente pelas classes populares. Como movimento de conclusão, apresenta-se uma possível leitura a partir da proposição de Fischer sobre a tese dos “Quatro poderes” de Fragoso e o lugar do *malandro*.

Palavras-chave: Machado de Assis. Contos. Leitores. Práticas de leitura.

Abstract

This paper proposes to analyze the occurrence of characters from popular classes that are readers in short stories of Machado de Assis. It will look at whom these readers are, how they read and what are the motivations and implications of their readings. Therefore, I intend to approach the recurrent representation of reading practices in Machado's work from a new perspective. Also, I intend to contribute to a better understanding about the literary representation of the literate environment in the Second Reign and the access to this environment by the popular classes. As a conclusion movement, I present a possible reading based on Fischer's proposition on the thesis of Fragoso's “Four Powers” and the place of the *malandro*.

Keywords: Machado de Assis. Short stories. Readers. Reading practices.

Artigo recebido em 16.11.2022 e aceito em 20.03.2023.

1. Os leitores de Machado

A produção de contos de Machado de Assis se estende por um período consideravelmente extenso, de meados do século XIX ao início do século XX, abrangendo em sua diegese mesmo períodos anteriores. Com o que, se pode dizer, traça um quadro que dá notícia da consolidação do império, seu declínio e a ascensão da república. Não de maneira vaga, uma vez que sua contística é ampla não somente em seu aspecto de representação temporal, mas também em volume, com pouco mais de 200 contos reconhecidamente publicados pelo autor e alguns a ele atribuídos. Rodrigo de Avelar Breunig fixa esse número em 207 contos, escritos entre 1858 e 1907.¹

É do estudo desse pesquisador que surge uma informação a respeito dos contos de Machado, que pode ser intuída, mas que ganha ainda mais força quando quantificada: “em 131 desses contos há personagens lendo livros ou referências a hábitos de leitura de personagens que leem livros. Temos, portanto, *personagens-leitores*, personagens que a narrativa revela como *leitores de livros*, em 63% dos contos de Machado de Assis”². Esta é uma das práticas mais recorrentes nos contos do autor. De acordo com o levantamento feito por Breunig, está inclusive à frente da prática epistolar em suas variadas formas e etapas, que aparece em 58% dos contos, e surpreendentemente à frente de caminhadas de personagens pelas ruas do Rio de Janeiro, vistas em 62% dos contos. A prática da leitura é superada somente por outras duas ações recorrentes: “em 72% dos contos de Machado personagens casam-se ou falam sobre casamento; e em 72% dos contos personagens meramente almoçam, ou jantam, ou comem ou bebem qualquer coisa”³.

Se a leitura ocupa posição tão central nos contos de Machado, quem são afinal esses personagens que leem? Breunig aponta alguns dados que podem ajudar a elucidar essa questão. Em primeiro lugar, há um recorte de gênero que

¹ Rodrigo de Avelar Breunig, *Vosmecê assim fica cego: o personagem-leitor nos contos de Machado de Assis*, 2006, p. 13.

² *Ibidem*, p. 13.

³ *Ibidem*, p. 13.

deve ser considerado: “dos 198 *personagens-leitores* dos contos, 151 (76%) são homens e 47 (24%) são mulheres”⁴. Dentre esses homens destacam-se em número os advogados ou formados em direito, os poetas, os médicos ou formados em medicina e os padres. Há os personagens leitores jovens, como José Martins em “Umas férias”, e os leitores idosos, como Tobias em “A vida eterna”. Dentre os poetas leitores, pode-se destacar Máximo de “A mulher pálida”. Porém, há ainda uma categoria que chama atenção: os leitores pobres (muitas vezes coincidentes com os poetas), como é o caso de Tito em “O país das Quimeras”.⁵

Quanto a este último grupo, Breunig destaca especialmente a condição financeira como fator distintivo mais característico. Algo, que, no entanto, não é de todo esclarecedor se a questão for: quem são os leitores de camadas populares em contos de Machado de Assis? Pode haver uma diferença significativa entre um leitor pobre e um leitor popular, e observar as práticas de leitura do povo, suas particularidades, gestualidades, motivações e consequências impõe ainda outra pergunta: como leem os leitores de camadas populares nos contos de Machado?

Questões como essas podem ajustar o olhar sobre a representação da leitura nos contos de Machado, auxiliar na compreensão de como o cenário de leitura da época ganha representação em sua literatura, o que essa literatura revela sobre ele e, especialmente, entender a relação que se estabelece entre a produção do autor – ele mesmo filho de um pintor e uma lavadeira – e os leitores populares. Se Machado, desde cedo, teve sua vida marcada pelo feliz contato com a leitura, mesmo que menino órfão e pobre, em oportunidades excepcionais para alguém de sua condição social, pode-se considerar de interesse observar como seus personagens que são provenientes de contexto social semelhante relacionam-se de algum modo com a leitura e têm nela ponto de inflexão de sua trajetória.

⁴ *Ibidem*, p. 154, grifo do autor.

⁵ *Ibidem*, p. 154-157.

2. Uma leitora aprendiz

É certo que os leitores pobres ou populares não ocupam espaço preponderante nos contos de Machado, além de que nem sempre se pode traçar uma linha divisória clara a respeito da origem e condição social dos personagens. Logo, este trabalho não tem como objetivo um levantamento numérico preciso, mas sim a análise de alguns casos emblemáticos, que, mesmo menos recorrentes, são capazes de revelar *per si* e por contraste com outros contos aspectos relevantes em relação ao tema abordado. Nesse sentido, alguns personagens selecionados, apesar de não estarem diretamente sujeitos às agruras da miséria, são, contudo, deslocados ou párias sociais. Definição que cabe muito bem a Marocas, vista de longe por dois interlocutores, que em tom de mexerico, discorrem sobre sua história com aspectos tórridos. Ela era prostituta.

Assim se inicia o conto “Singular ocorrência”, publicado pela primeira vez na *Gazeta de Notícias*, em 1883, e mais tarde em *Histórias sem data*, em 1884. Datada, porém, a ação que se desenrola na conversa dos dois observadores de Marocas acontece no ano de 1860, quando ela conhece Andrade, amigo de um deles, advogado e político de Alagoas, que, casado na Bahia, fora ter ao Rio de Janeiro um ano antes. O casal de amantes conhece-se em frente à porta da loja de Paula Brito, no Rocio⁶, por um motivo de grande interesse: Marocas procura um endereço, com um pedacinho de papel à mão, e é ajudada por Andrade; dificultava-lhe a tarefa o fato de que ela não sabia ler. Breunig destaca que ela é o único personagem adulto declaradamente analfabeto em todos os contos de Machado.⁷

⁶ Sobre a loja de Paula Brito, Breunig comenta: “Por volta de 1840, a loja de Francisco de Paula Brito, localizada na praça Constituição e assim situada fora da área mais elegante e valorizada da cidade – a área da rua do Ouvidor e de suas livrarias francesas –, era o ponto de encontro literário mais proeminente do Rio de Janeiro [...]. Paula Brito, sucessor de Plancher como principal editor brasileiro, tornara-se o livreiro preferido da elite intelectual do Rio de Janeiro”. Ainda: “Paula Brito – que lembra Hallewell, deu emprego ‘ao jovem Machado, que começou como revisor de provas e deu início à sua carreira literária como colaborador de *A Marmota Fluminense*’”. In.: Rodrigo de Avelar Breunig, *Vosmecê assim fica cego: o personagem-leitor nos contos de Machado de Assis*, 2006, p. 22.

⁷ *Ibidem*, p. 26-27.

É compreensível que, em um universo ficcional em que a leitura é tão presente e valorizada, o espaço para personagens que não a dominam seja reduzido. Porém, esse fato se torna interessante à medida que se observam os dados sobre analfabetismo no país naquele período. O primeiro Censo brasileiro foi realizado no ano de 1872, e apontou uma taxa de analfabetismo de 82,3% para o conjunto do país em relação às pessoas com 5 anos de idade ou mais, um panorama que se manteve praticamente inalterado até o segundo Censo, de 1890, que registrou 82,6% de analfabetos, já em contexto republicano.⁸ Porém, em relação à produção de Machado, e nesse conto não é diferente, geralmente estamos situados no Rio de Janeiro. Cabe observar, portanto, os dados relativos a esse espaço geográfico: a taxa de analfabetismo na província era de 77,2% em 1872 e cai para 66,8% em 1890⁹, e na cidade do Rio havia 63,8% de analfabetos em 1872¹⁰ e 51,7% em 1890.¹¹ Estamos falando, portanto, de um lugar privilegiado no país em relação à leitura, de um cenário cultural de um público leitor possível, em que apesar de dominar ainda o analfabetismo no final do século XIX, tem-se o contexto mais favorável à leitura e à circulação da literatura. Estar na corte fazia toda a diferença. Talvez, por isso, o tema da incapacidade de ler não seja algo recorrente na obra de Machado.

Tanto é assim, que uma vez apresentada a situação inicial da personagem, ela logo será alterada. A leitura adquirida torna-se um elo que vincula e fortalece a relação dos amantes:

Andrade ensinou-lhe a ler. Estou mestre-escola, disse-me ele um dia; e foi então que me contou a anedota do Rocio. Marocas aprendeu depressa. Compreende-se; o vexame de não saber, o desejo de conhecer os romances em que ele lhe falava, e finalmente o gosto de obedecer a um desejo dele, de lhe ser agradável...¹²

⁸ Alceu Ravanello Ferraro e Daniel Kreidlow, “Analfabetismo no Brasil: configurações e gênese das desigualdades regionais”, 2004, p. 182.

⁹ *Ibidem*, p. 183.

¹⁰ Castro corrobora uma possível ressalva ao censo de 1872 no âmbito carioca: “Maria Arisnete Câmara de Moraes, em tese de doutorado intitulada *Leituras Femininas no século XIX* (1996), levanta a hipótese de, no censo de 1872, cerca de 181.583 habitantes terem ficado de fora dos dados, pois seu grau de instrução não constava nos quadros gerais”. In.: Valdiney Valente Lobato de Castro, “Quem eram os leitores cariocas do século XIX”, 2015, p. 41.

¹¹ *Ibidem*, p. 41.

¹² Machado de Assis, *Singular Ocorrência*, 1884.

Quanto às motivações de Marocas para aprender a ler, são estas três. Primeiro *o vexame de não saber*, algo que claramente já prejudicava sua vida prática e que devia fazer-lhe alguma questão, uma vez que ela circulava, mesmo que informalmente, por camadas socialmente elevadas: “Marocas despediu todos os seus namorados, e creio que não perdeu pouco; tinha alguns capitalistas bem bons”¹³. Quanto ao *desejo de conhecer os romances* lidos pelo amante, segunda motivação, Marocas está de acordo com o perfil médio de leitura das personagens mulheres dos contos de Machado, que, conforme aponta Breunig, leem essencialmente romance ou poesia¹⁴, além de já ter sua sensibilidade previamente condicionada para essas leituras; não sabemos que romances ela lê depois, mas sabemos que era apreciadora de teatro antes de relacionar-se com Andrade: “De noite foi ao Ginásio; dava-se a *Dama das Camélias*; Marocas estava lá, e, no último ato, chorou como uma criança”¹⁵. Foi, aliás, a exemplo da personagem vista em cena que dispensou seus “namorados” e passou a dedicar-se somente a Andrade. E, por fim, a terceira motivação, de *obedecer a um desejo do amante, de lhe ser agradável*, parece selar esse aprendizado da leitura, como projeção final de futuro. Há, portanto, em seu aprendizado de leitura, um percurso que vai do passado (vexame) ao futuro (agradabilidade), passando por uma mescla de ambos observada em uma situação concreta (compartilhar leituras). Parte-se do mais objetivo ao mais subjetivo, da motivação social à motivação amorosa que consolida e é consolidada pela relação do casal.

3. Leitura e violência

A experiência de leitura de Marocas pode ser considerada construtiva, um gesto de inclusão no universo letrado e de aproximação entre duas pessoas. É por meio dela que Machado constrói o vínculo entre o casal, que adiante vai se mostrar mais forte que a traição amorosa. Uma leitura de natureza diferente é a de Cândido Neves, em “Pai contra mãe”, publicado pela primeira vez em

¹³ *Ibidem*.

¹⁴ Rodrigo de Avelar Breunig, Op. Cit., 2006, p. 154-155.

¹⁵ Machado de Assis, Op. Cit.

Relíquias de Casa Velha, de 1906. Um texto em que a leitura do jornal é decisiva e que curiosamente não foi veiculado na imprensa inicialmente. Situado, de maneira não muito precisa, “há meio século”, o conto apresenta um personagem pobre que não é afeito ao trabalho ou a qualquer atividade que exija tempo ou esforço constante. Ele já tentou diversas profissões, sem sucesso, tendo sido inclusive aprendiz de tipógrafo, e encontrou-se finalmente em uma função que, menos estável, era também menos exigente, além de trazer-lhe um “encanto novo”: “pegar escravos fugidos”.¹⁶

Essa nova função dependia grandemente da circulação de jornais e da capacidade de ler e escrever: “Cândido Neves lia os anúncios, copiava-os, metia-os no bolso e saía às pesquisas. Tinha boa memória. Fixados os sinais e os costumes de um escravo fugido, gastava pouco tempo em achá-lo, segurá-lo, amarrá-lo e levá-lo”¹⁷. Uma leitura que não está relacionada ao literário, mas que demanda competência e clareza. Uma prática que demonstra a força de circulação dos periódicos impressos e também como as práticas de leitura podem não ter sido tão escassas quanto se possa supor, ou ao menos sua percepção. Nesse sentido, uma declaração do próprio Machado pode ser de interesse:

O livro era um progresso: preenchia as condições do pensamento humano? Decerto; mas faltava ainda alguma coisa; não era ainda a tribuna comum, aberta à família universal, aparecendo sempre com o sol e sendo como ele o centro de um sistema planetário. A forma que correspondia a estas necessidades a mesa popular para a distribuição do pão eucarístico da publicidade, é propriedade do espírito moderno: é o jornal.¹⁸

Percebe-se que, mesmo nesse universo de analfabetismo predominante, o jornal não somente tem um certo nível de universalidade, como encarna, na visão do autor, encorpada pela metáfora religiosa, o espírito moderno. Valdney Valente Lobato de Castro comenta a penetração social que tinha o jornal:

Como o jornal era de fácil manuseio e detinha assuntos do cotidiano, ele saía da solidão das residências burguesas e alcançava outros espaços, o que favorecia a leitura e a discussão das matérias ali contidas, dentre elas as narrativas folhetinescas, acessíveis também à classe média da época.¹⁹

¹⁶ Machado de Assis, *Pai contra Mãe*, 1906.

¹⁷ *Ibidem*.

¹⁸ Machado de Assis apud Valdney Valente Lobato de Castro, Op. Cit., 2015, p. 48.

¹⁹ *Ibidem*, p. 48.

Cândido Neves não lê folhetim, tampouco pertence à classe média, porém o jornal faz parte de sua vida e é decisivo para levar a cabo sua ocupação. Ele lê, anota, memoriza e faz uso concreto da informação. Um uso que lhe permite manter o filho, que antes seria enjeitado, mas que também o leva a cometer um ato de violência: a escravizada que lhe valeu cem mil-réis estava grávida e sua captura resultou em um aborto. “Nem todas as crianças vingam”, afirma Cândido Neves ao final.²⁰

Outra leitura que leva a um ato violento é a de Procópio em “O enfermeiro”, conto publicado na *Gazeta de Notícias* em 1884, com o título de “Coisas íntimas”, e mais tarde em “Várias Histórias”, de 1895. Sua frase inicial é já reveladora: “Parece-lhe então que o que se deu comigo em 1860, pode entrar numa página de livro?”²¹. Quem fala é o próprio Procópio, agora rico herdeiro, em situação muito diferente daquela em que vivia quando a ação do conto se passa. Leitor, porém, ele era desde antes. A notícia mais antiga que ele apresenta de si é que aos 42 anos começou a trabalhar para um padre de Niterói, que fora seu companheiro de colégio, copiando seus estudos de teologia, a troco de “casa, cama e mesa”. É esse padre, que a pedido de um vigário do interior, indica Procópio para servir de enfermeiro a um coronel. Aqui temos um movimento interessante: um personagem faz um caminho menos comum: “Vim à Corte despedir-me de um irmão, e segui para a vila”²². E esse movimento altera sua percepção de sociabilidade e da leitura. Procópio está isolado com o coronel, homem de difícil trato, e não tem acesso ao principal meio de integração social: “Para avaliar o meu isolamento, basta saber que eu nem lia os jornais; salvo alguma notícia mais importante que levavam ao coronel, eu nada sabia do resto do mundo”.²³

A ausência do jornal é o símbolo máximo do isolamento. Algo que o afeta psicologicamente e o faz decidir-se por voltar à Corte. Porém, deixa-se estar. Havia cedido aos pedidos do vigário e ficava por mais tempo enclausurado com o

²⁰ Machado de Assis, Op. Cit., 1906.

²¹ Machado de Assis, *O Enfermeiro*, 1994.

²² *Ibidem*.

²³ *Ibidem*.

doente. Logo depois de uma briga com o coronel, acontece a cena decisiva do conto. E ela é introduzida por uma leitura:

Resmungou ainda muito tempo. Às onze horas passou pelo sono. Enquanto ele dormia, saquei um livro do bolso, um velho romance de d`Arlincourt, traduzido, que lá achei, e pus-me a lê-lo, no mesmo quarto, a pequena distância da cama; tinha de acordá-lo à meia-noite para lhe dar o remédio. Ou fosse de cansaço, ou do livro, antes de chegar ao fim da segunda página adormeci também.²⁴

Procópio cede a uma leitura romântica. Apartado do real, ele se deixa adormecer em um romance do Visconde d`Arlincourt, que não identificado especificamente, pode ser entendido pelo geral da produção do autor. Note-se, em primeiro lugar, que o romance é traduzido, ou seja, Procópio não lê em francês, talvez não conhecesse a língua; em segundo lugar, o livro foi achado e não é, portanto, uma leitura selecionada, aparentando que o personagem se deixou levar pelas circunstâncias (algo que acontece quando o crime é levado a cabo); e em terceiro lugar, estava o livro em seu bolso, ele já o levava consigo e devia está-lo lendo anteriormente. O livro é um símbolo do personagem dominado e encharcado daquele universo de angústia e sofrimento psicológico.

Essa postura de Procópio como leitor e o efeito que a leitura provoca nele podem ser aproximados à compreensão de que Marisa Lajolo e Regina Zilberman têm do personagem Estêvão, de “A mão e a luva”, publicado em 1874, enquanto representação do leitor romântico em Machado: “Ser leitor romântico, no caso de Estêvão, equivale a ser um mau leitor, isto é, ser incapaz de estabelecer a necessária distância entre o lido e o vivido. Tradicionalmente, na obra machadiana, personagens de tal feitio são vencidas ao largo da trama”²⁵. A leitura talvez não leve Procópio a seu gesto de violência máxima, mas está em paralelo com ele e simboliza o estado mental do personagem. Se ele não é totalmente vencido com o decorrer da trama é porque vai com o passar do tempo se desconectando daquele contexto alucinante de solidão, enclausuramento e distanciamento da realidade, assumindo postura pragmática e dissimulada. Vai-se a *afetação*: “Entrando na posse da herança, converti-a em títulos e dinheiro.

²⁴ *Ibidem*.

²⁵ Marisa Lajolo e Regina Zilberman, *A formação da leitura no Brasil*, 2011, p. 31.

Eram então passados muitos meses, e a ideia de distribuí-la toda em esmolas e donativos pios não me dominou como da primeira vez; achei mesmo que era afetação”²⁶. A memória do coronel vai ficando cinzenta, e o protagonista passa a convencer-se de que ele teria morrido em pouco tempo, de qualquer modo. O fechamento conclui a vitória do pensamento pragmático e dissimulado sobre o pensamento pio e romântico: “Se achar que esses apontamentos valem alguma coisa, pague-me também com um túmulo de mármore, ao qual dará por epitáfio esta emenda que faço aqui ao divino sermão da montanha: ‘Bem-aventurados os que possuem, porque eles serão consolados’”²⁷.

4. Leitores jovens

O “Conto de Escola”, publicado em 1884 na *Gazeta de Notícias*, e, em 1896, em *Várias Histórias*, é ambientado em 1840, e narrado em primeira pessoa por um adulto que relembra um momento crucial para sua formação na infância. O protagonista é o jovem Pilar, que, com aproximadamente dez anos de idade, envolve-se em um trato de corrupção na sala de aula. A escola que ele frequenta na Rua do Costa é um “sobradinho de grade de pau”, e seu pai, apesar de ter um emprego público estável no Arsenal de Guerra, de modo algum frequenta altos círculos: seu sonho era de que o filho ocupasse “uma grande posição comercial”, mas o objetivo da educação escolar de Pilar é arranjar-lhe um emprego de caixeiro, em que ele começaria seu caminho até se tornar um *capitalista*. Para isso devia dominar os “elementos mercantis”: “ler, escrever e contar”. No desejo do pai está posto o ideário do *self-made man*. E Pilar tem algo raro em relação às crianças em geral do Rio de Janeiro e do Brasil da época: sabe ler e escrever. E bem.²⁸

A ação do conto, que se passa quase toda nesse reduzido ambiente da sala de aula, deixa claro o caráter opressivo da escola em contraste com os devaneios do protagonista, que arrependido de ter ido à aula, vê um papagaio de papel

²⁶ Machado de Assis, Op. Cit., 1994.

²⁷ *Ibidem*.

²⁸ Machado de Assis, *Conto de Escola*, 1896.

voando contra o céu azul lá fora, enquanto está sentado “com o livro de leitura e a gramática nos joelhos”.²⁹ Esse livro de leitura, que Pilar tem sobre os joelhos junto da gramática, é a representação máxima do enfado escolar, e a leitura é mera ferramenta que não tem relação com o exercício da imaginação. Não é à toa que justamente a leitura é contraposta ao desejo incontornável da criança de brincar pela rua.

Vale retomar o entendimento de Alfredo Bosi em seu artigo “A máscara e a fenda”, publicado em *Machado de Assis: antologia e estudos*, em 1982. Bosi traça um panorama da produção de contos de Machado e trata da *máscara* e da *fenda* como uma tensão constante nas narrativas curtas do autor. Se nos seus escritos iniciais fica desenhada uma sociedade que construiu um muro entre as classes, só transponível por fendas que eventualmente se abrem por conta de relações *naturais*, passagem para a qual o trabalho não tem relevância.³⁰ Com a maturidade, Machado vai tomando consciência de que o engano é mais do que uma ferramenta, é uma necessidade, e que a aparência dá o tom fundamental e se aplica de maneira universal, enquanto essência que funciona tanto para a esfera pública quanto para a intimidade.³¹ O uso dessa máscara torna-se então indispensável para que o indivíduo possa *vencer na vida*, restando fora desse paradigma a “tolice, imprudência ou loucura”³².

Pilar é toda aparência e engano. Ele sabe que seguir as regras não lhe é garantia para nada. Ele não é nem de longe um filho da elite. Nesse ambiente aristocrático de mobilidade social reduzida, parece ter mais consciência de sua condição social do que o pai e, ao abdicar da escola, abandona o sonho paterno praticamente irrealizável. Ele sabe que pode *vencer na vida*, mas não será pelo caminho escolhido pelo pai: será pela dissimulação. Ele experimenta suas possibilidades através do *tambor* que o atrai pelas ruas e o desvia da escola para brincar pela cidade. Nesse caminho, a leitura certamente não lhe deixará de ser ferramenta.

²⁹ *Ibidem*.

³⁰ Alfredo Bosi, “A máscara e a fenda”, 1982, p. 440.

³¹ *Ibidem*, p. 441.

³² *Ibidem*, p. 441.

Algo muito diferente do que acontece com Inácio no conto “Uns Braços”, publicado pela primeira vez na *Gazeta de Notícias*, em 1886, e posteriormente em *Várias Histórias*, 1896, ambientado no ano de 1870. Ele é um rapaz de quinze anos, empregado e abrigado pelo solicitador Borges, na esperança do pai, barbeiro na Cidade Nova, de ver o filho encaminhado em uma profissão que lhe desse retorno financeiro. Inácio, porém, tem mais aptidão para as fantasias do que para o trabalho burocrático a que é submetido e não se adequa à expectativa paterna ou ao que o trabalho demanda. A descrição que o narrador faz dele parece generosa a princípio: “Tinha quinze anos feitos e bem feitos. Cabeça inculta, mas bela, olhos de rapaz que sonha, que adivinha, que indaga, que quer saber e não acaba de saber nada. Tudo isso posto sobre um corpo não destituído de graça, ainda que mal vestido”³³. Temos um rapaz pobre, gracioso e sonhador que, ao reunir essas características, só poderia ser visto como maluco por seu empregador. Inácio não se adequa à máscara, e, em sua posição, esse é um defeito que pode custar caro.

O rapaz vive em uma condição de desumanização promovida pela frieza do trabalho e da convivência em casa: “Cinco semanas de solidão, de trabalho sem gosto, longe da mãe e das irmãs; cinco semanas de silêncio, porque ele só falava uma ou outra vez na rua; em casa, nada”. O que lhe fazia aguentar toda essa situação extenuante era ver três vezes ao dia os braços de D. Severina, que “já gastara todos os vestidos de mangas compridas”. Além disso, Inácio tinha outros dois refúgios, que acabavam convergindo para o “famoso par de braços”: as janelas de seu quarto de fundos, voltadas para o mar, “que lhe falava a mesma linguagem obscura e nova de D. Severina”, e a leitura, ou melhor, releitura de três folhetos “comprados a tostão debaixo do passadiço do Largo do Paço”. Inácio revisita a paisagem, a literatura e, indiretamente, os braços em um movimento que o faz perder-se em sonhos: “pegou em um dos folhetos, a Princesa Magalona, e começou a ler. Nunca pôde entender por que é que todas as heroínas dessas velhas histórias tinham a mesma cara e talhe de D. Severina, mas a verdade é que os tinham”³⁴. A leitura do rapaz não é de textos contemporâneos, mas de

³³ Machado de Assis, *Uns Braços*, 1994.

³⁴ *Ibidem*.

narrativa de origem medieval, acessada a preço parco, e mais amalgamada à cultura popular.

Inácio dorme à rede lendo e passa a sonhar com D. Severina, que como saída das páginas do folheto, vem da parede em um gesto impossível para beijar-lhe os lábios. Ele é outro leitor romântico. Sua pureza e seus devaneios pueris podem angariar a simpatia de quem lê o conto, mas não garantem ao rapaz qualquer sucesso no jogo social imposto. Sua distração, provocada pelo espírito romântico, suscita a ira do solicitador Borges, e a incapacidade de separar o lido e o vivido inviabiliza a convivência com D. Severina, mesmo que ele não faça nenhuma ação real nesse sentido. Inácio, ao contrário de Pilar, é avesso à máscara e à dissimulação. A leitura para ele não é ferramenta, é imersão e sonho. E diferentemente de Procópio, em “O Enfermeiro”, ele não abdica de seu devaneio em prol do pragmatismo. E o projeto paterno de ascensão social resta frustrado. Vão-se as glórias, ficam a inocência e o sonho.

5. Considerações finais – ou uma outra leitura

Em artigo recentemente publicado, intitulado “Onde cabe o malandro?: a hipótese Fragoso”, Luís Augusto Fischer propõe uma leitura da tese dos “Quatro poderes”, elaborada por João Luís Fragoso, como “ponto de partida para uma nova descrição das posições disponíveis para os letrados, no período colonial e durante o império brasileiro”³⁵. Fischer propõe uma extrapolação tanto temporal quanto espacial para as formulações de Fragoso. Essas, destinadas a pensar a base da estrutura da sociedade brasileira, apresentam uma divisão em quatro poderes que englobam a colônia, mais permeáveis e articuladas do que a visão caiopradiana, dominante na historiografia e crítica literária brasileira. Fragoso divide os poderes coloniais da seguinte forma: (1) a Coroa, que seria “o poder central, composto pelo Rei e seus conselheiros”; (2) a Coroa na conquista, que é a “administração periférica, composta pelos governadores, vice-reis, ouvidores, provedores, juizes, escrivães, militares superiores”; (3) o Poder local, que

³⁵ Luís Augusto Fischer, “Onde cabe o malandro?: a hipótese Fragoso”, 2021, p. 5.

“constitui o poder em cada cidade, exercido pela Câmara de Vereadores, que era legislativo, judiciário eventual e executivo”; e (4) o Poder doméstico, que seria “a ‘casa’, compreendida como um poder organizado ‘naturalmente’” e “formada pelo patriarca, seus consanguíneos, agregados e escravos, vivendo na cidade ou fora dela”³⁶. São quatro poderes que “não guardam distinção nítida entre si quanto aos seus limites recíprocos, nem respondem linearmente uns aos outros: há entre eles zonas de superposição e de atrito, e, portanto, um espaço de luta e negociação”³⁷.

A primeira hipótese de Fischer é que, além desses quatro poderes, haveria outros dois possíveis: (5) as Missões e a Fronteira; e (6) os povos originários, “seja vivendo em modo tradicional, na floresta ou em outros ecossistemas”³⁸. Porém, a segunda hipótese é mais interessante, nesse caso: a “extrapolação temporal”. Fischer propõe que esse esquema de poderes pode ser estendido do período colonial para o período imperial, com o que haveria uma manutenção na hierarquia dos poderes com uma alteração geográfica dos dois primeiros. A ordem passaria a ser em equivalência ao esquema anterior, portanto, a seguinte: (1) Corte: Rio de Janeiro; (2) A Corte nas províncias: Capitais provinciais; (3) Poder local: as cidades em geral; (4) Poder doméstico: as cidades e o interior integrado ao mercado; (5) Reduções e Fronteiras; e (6) Indígenas.³⁹ Quanto ao grau de letramento dessas cinco esferas, Fischer aponta:

Podemos dizer que 1 e 2 (e 5, nas Reduções) lidam com público letrado, escasso em relação ao todo da população, mas existente; 3 e 4 praticamente não contam com leitores; 6 não conta com leitores. Com o passar do tempo, 3 e 4 tendem a formar condições para a disseminação do letramento. No mesmo sentido, 1 e 2 (e em parte 5) lidam com modelos de texto, hierarquizados e até codificados, seja no âmbito da tradição católica ou da tradição militar, seja da tradição cortesã; 3 e 4 praticamente não lidam com modelos relevantes de texto escrito, mas contam com modalidades estáveis de transmissão oral (causo, relato de valentia, lendas, formas poéticas singelas); 6 lida com oralidade apenas, e talvez haja formas algo estáveis de transmissão⁴⁰.

³⁶ *Ibidem*, p. 16-18.

³⁷ *Ibidem*, p. 18.

³⁸ *Ibidem*, p. 20-22.

³⁹ *Ibidem*, p. 23.

⁴⁰ *Ibidem*, p. 25.

Aplicando esse modelo aos contos de Machado analisados neste trabalho, é possível perceber não somente sua validade como também compreender mais apropriadamente o universo cultural representado pelo autor por meio de seus personagens leitores populares. A Marocas, de “Singular ocorrência”, é uma personagem de 1, representante de um público iletrado vivendo em um ambiente que comporta público letrado (a Corte), com o qual ela se encontra e troca experiências, aprendendo a ler. Já Procópio, de “O enfermeiro”, faz um interessante movimento: pertencente de 1 e, compartilhando de suas práticas letradas, desloca-se para o interior e vive intensamente um ambiente de 4 (Poder doméstico), imerso que está no microcosmo dominado pelo general e na vila. O fechamento é um afastamento desse ambiente e retorno a 1. Quanto aos jovens Pilar e Inácio, vivem em 1 e beneficiam-se da cultura letrada acessível a eles nesse ambiente. Pilar, melhor posicionado socialmente, é visto frequentando a educação formal e beneficiando-se dela. Já Inácio, apesar de estar em 1, vivendo na cidade da Corte, tem sua ação dominada por 4, no domínio doméstico humilde do solicitador Borges, e por sua proveniência da Cidade Nova, que na época era um bairro proletário entre o centro e zonas rurais. Assim como ele, a meio do caminho.

Quanto ao personagem remanescente aqui abordado, Cândido Neves, de “Pai contra mãe”, claramente seu ambiente é 1. Ele vive na cidade da Corte, no Rio de Janeiro. Porém a ele pode-se associar questão que o diferencia dos demais personagens vistos aqui: seria possível ver nele a figura do malandro?⁴¹ Podemos ver nele várias das características que tem sido, ao longo do tempo, associadas a esse tipo. É certo que ele está no lugar exato que poderia defini-lo como tal, e sem determinismos, uma figura extremamente relacionada com o meio em que existe:

Se há alguma particularidade brasileira nessa figura do malandro, como algo distinto das várias modalidades de burla à autoridade e de resistência ao trabalho regular que existem mundo afora, ela será explicável pelos elementos mencionados, que se especificam numa cidade que é sede de poder central (poder 1) em monarquias altamente centralizadas, nas quais

⁴¹ Fischer aponta para a indefinição em torno da figura do malandro: “É sempre o famoso ‘homem livre’ num contexto escravocrata? É um marginal? Um ‘social climber’; arrivista, ao menos em potencial? Um derrotado pela vida? Alguém sem dinheiro ou relações sociais relevantes, que porém sabe como manter-se à tona? Alguém que está à margem? Mas à margem de quê?”. In.: Luís Augusto Fischer, “Onde cabe o malandro?: a hipótese Frágoso”, 2021, p. 6.

as instituições modernas, como a escola para todos, a imprensa livre, a livre iniciativa, a mobilidade social (como realidade empírica ou ao menos como valor), são constantemente solapadas, seja pelo estilo Antigo Regime do governo, seja pela manutenção da escravidão e suas consequências⁴².

Pode-se perceber, portanto, que o fator de proximidade com o *poder central* é fundamental para a existência dos leitores de camadas populares em contos de Machado de Assis, assim como é para a constituição da figura do malandro, mesmo que as “instituições modernas” nesse ambiente sejam falhas e incipientes. Todos os personagens analisados, apesar dos entrelugares em que possam se encontrar ao longo das narrativas e das dificuldades relacionadas ao seu recorte de classe, têm em comum a convivência na cidade da Corte, seja ela prévia ou dada no decorrer da ação. Em relação direta com os números do analfabetismo registrados nos censos de 1872 e 1890, a cidade do Rio de Janeiro, para além de ser a ambientação mais recorrente na produção de Machado, parece ser o lugar mais provável para se encontrar esses leitores no Brasil do Segundo Reinado. Personagens que têm a leitura como elemento decisivo em momentos de inflexão de suas trajetórias e que demonstram o impacto dessa prática para além dos círculos do poder hegemônico, tanto na falha dos inocentes sonhadores, quanto no êxito dos pragmáticos dissimulados.

Referências

ASSIS, Machado de. *Singular Ocorrência*. Disponível em:

<http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=1907>. Acesso em: 17 jun. 2022.

ASSIS, Machado de. *Pai contra Mãe*. Disponível em:

<http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=1951>. Acesso em: 17 jun. 2022.

⁴² *Ibidem*, p. 30.

ASSIS, Machado de. *O Enfermeiro*. Disponível em:

<http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=1976>. Acesso em: 17 jun. 2022.

ASSIS, Machado de. *Conto de Escola*. Disponível em:

<http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=1979>. Acesso em: 17 jun. 2022.

ASSIS, Machado de. *Uns Braços*. Disponível em:

<http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=16981>. Acesso em: 17 jun. 2022.

BOSI, Alfredo. A máscara e a fenda. In.: *Machado de Assis: antologia e estudos*. São Paulo: Ática, 1982.

BREUNIG, Rodrigo de Avelar. *Vosmecê assim fica cego: o personagem-leitor nos contos de Machado de Assis*. 2006. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/8573>>. Acesso em: 17 jun. 2022.

CASTRO, Valdiney Valente Lobato de. Quem eram os leitores cariocas do século XIX. *Interfaces*, Guarapuava, v. 6, n. 2, p. 40-50, dez. 2015. Disponível em:

<https://revistas.unicentro.br/index.php/revista_interfaces/article/view/3693/2759>. Acesso em: 17 jun. 2022.

FERRARO, Alceu Ravanello; KREIDLOW, Daniel. Analfabetismo no Brasil: configurações e gênese das desigualdades regionais. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 29, n. 2, p. 179-200, jul./dez. 2004. Disponível em: <<https://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/25401>>. Acesso em: 17 jun. 2022.

FISCHER, Luís Augusto. Onde cabe o malandro?: a hipótese Frágoso. *Inter Litteras*, Buenos Aires, n. 3, p. 5-32, 2021. Disponível em:

<<http://revistascientificas.filo.uba.ar/index.php/interlitteras/article/view/10647>>. Acesso em: 17 jun. 2022.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 2011.

Referência para citação deste artigo

PORTELA, Luís Fernando. O povo que lê: leitores de camadas populares em contos de Machado de Assis. **Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte**, Porto Alegre, volume 4, número 2, p. 155 - 172, 2022.